

O REGENTE

O REGENTE

TRAGEDIA

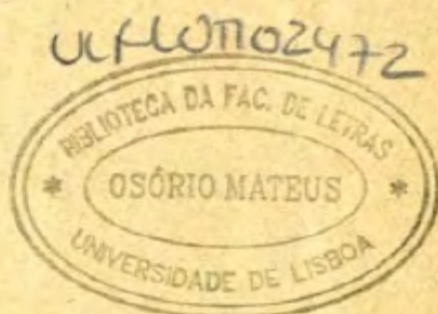
EM 12 QUADROS

ORIGINAL DE

Marcellino Mesquita

*Pertence
a*

João de Almeida



LISBOA

ANTONIO MARIA PEREIRA—EDITOR

52, Rua Augusta, 54

1897

PERSONAGENS

D. Pedro, duque de Coimbra, o Regente.

D. Alvaro Vaz d'Almada, conde de Avranches.

D. Affonso, conde de Barcellos, 1.º duque de Bragança.

O conde de Ourem.

O Arcebispo de Lisboa.

Vasco Berrêdo.

D. Alvaro de Castro.

João Vogado.

Luiç Gomes da Grán.

Alvaro Affonso.

Luiç d'Azevedo.

Vasco Martins da Silveira.

O bispo d'Evora.

Mestre Diogo Peres.

Mestre Lopo Fernandes.

Fr. Vasco da Alagôa.

D. Leonor d'Aragão.

D. Izabel, rainha.

*Fidalgos, damas, pagens, populares, judeus, frades,
bêsteiros, escudeiros, arautos.*



QUADRO I

Anno de 1440

No largo da Sé, em Lisboa. Sobre os degraus do templo, um popular, mestre Diogo Peres, alfaia-te, tenta ler uma carta pegada na ombreira da porta. Populares, escudeiros, mulheres, bésteiros, agrupam-se em grande grita pelas escadas e em baixo, no largo. É de tarde.

MESTRE DIOGO.—Vêde se vos calais, gritadores de má morte! Ou me calo eu e vinde vós lêr.

MESTRE LOPO.—Eia, arraia miuda, as-socegai.

1.º POPULAR.—Lêde vós, mestre Diogo Peres, que não são nossos olhos affeitos a intender de escriptas.

(O ruído continúa).

VOZES.—Silencio, silencio, ouvide!

MESTRE DIOGO. — (*Lê*). Carta que o mui alto e honrado principe o infante D. Pedro, manda a todas as cidades e villas...

(*O ruido continúa. Um escudeiro pucha da espada contra os populares que o afugentam.*)

MESTRE DIOGO. — Serenai, por uma vez, homens de pouco sizo.

1.º BÉSTEIRO. — O pêrro do escudeiro ameaçava-nos, com os homens d'armas da rainha.

1.º POPULAR. — Mas lêde, mestre Diogo, a carta do nosso infante.

VOZES. — A carta, a carta!

MESTRE DIOGO. — Quereis ouvir, a final?

VOZES. — Lêde, lêde.

MESTRE DIOGO. — «Carta que o mui alto e honrado principe, o infante D. Pedro, manda a todas as cidades e villas co no defensor que é d'estes reinos. Fidalgos, cavalleiros e homens bons eu vos envio muito saudar. Bem sabeis como na morte do meu muito alto e pre-

zado irmão e senhor El-Rei D. Duarte, que Deus tenha, foi seu testamento aberto, e n'elle foi visto e lido, que deixava a Regencia d'estes reinos á mui alta e nobre rainha D. Leonor d'Aragão, sua mulher e nossa senhora. Sabeis como reunido, logo, o conselho este decidiu que a Regencia fosse dada aos mui altos principes e senhores meus irmãos os infantes D. João e D. Henrique e a mim, sendo deixada á Rainha a administração da fazenda e provimento dos officios e cargos.

VOZES.—Andou bem o conselho.

MESTRE LOPO.—Ouvide.

MESTRE DIOGO.—Sabeis como se jurou fidelidade a El-Rei Nosso Senhor D. Affonso V, e como o Conde de Barcellos, D. Affonso, e mais fidalgos foram contra o conselho e pela Rainha. No intento de acabar discordias se abriram as côrtes, que confirmaram a vontade do conselho e a mim me deram o cargo de defensôr do reino, que muito me approve porque tal foi meu pai o

muito nobre e glorioso Rei D. João I, mestre d'Aviz.

VOZES.—Viva D. Pedro!

VOZES.—Viva o infante!

VOZES.—Viva!

MESTRE DIOGO.—«O governo do reino, assim determinado, tem trazido os povos descontentes e por esta razão se vão abrir novas côrtes para resolverem como seja melhor. E, como haja sabido que a Rainha Nossa Senhora encomendou aos fidalgos e seus parciaes o virem armados e com seus homens d'armas, o que indica não tenção de paz, mas determinação de vencer pela fôrça, como defensor do reino e dos povos vos encomendo e mando que sejaes prestes, cavalleiros, escudeiros, e homens d'armas, cada um como lhe pertencer e os bésteiros com suas béstas e assim homens de pé e outras pessoas na maneira em que cada um deve servir. E que logo que houverdes meu recado possais vir onde vos mandar para nosso serviço e por bem de vós todos e d'este reino. E,

de assim o fazerdes vol-o terei em grande serviço e recebereis, de nós, mercê.

Escripto em Lisboa no anno de
N. S. J. Christo de 1440.
Infante D. Pedro.

VOZES.—Viva o infante!

VOZES.—Viva!

VOZES.—Viva D. Pedro!

VOZES.—Viva!

MESTRE LOPO.—Haveis ouvido? Pois pensai em vos apparelhades, em breve?

ESCUDEIRO.—Apercebidos somos, mestre Lopo. E que Deus vos guarde e ao vosso grande amigo o infante D. João; que esse, louvado Deus, não é pela aragoneza!

MESTRE LOPO.—Deixai isso ao conde de Barcellos, ao filho o conde de Ourem e ao muito soberbo snr. D. Pedro de Noronha, arcebispo de Lisboa e outros fidalgos.

BRITES.—Lá o arcebispo é parente da Rainha, e vae pelos seus; mas o conde de Barcellos o que quer?

MESTRE LOPO. — Não o sabeis? Quer casar a neta com El-Rei, e como está ajustado o casamento com a filha do nosso infante, d'ahi lhe vem a raiva.

1.^o POPULAR. — Elle é o mais rico fidalgo de Portugal!

MESTRE LOPO. — É um bastardo... faltam-lhe as honras da côrte.

BRITES. — É então o conselheiro da Rainha?

MESTRE LOPO. — Elle, o filho, e mais fidalgos inimigos de D. Pedro. Este é pelo povo, elles uns pelos outros, contra nós. Assim o assentaram e juraram n'um conselho secreto que houveram n'uma egreja de Torres Novas.

2.^o POPULAR. — Pois vida nos dê Deus, que grandes coisas se vão ver n'esta terra.

ESCUDEIRO. — Com mil lanças que assim será se os senhores fidalgos não quizerem escutar a voz do povo e nomeal-o regente.

MESTRE LOPO. — Mas, só!

BRITES. — Só, está visto. Que é agora uma mulher a governar homens?

1.º POPULAR.—E uma estrangeira por de mais.

2.º POPULAR.—E mal aconselhada.

MESTRE LOPO.—Que dizeis agora dos varejos? Que lh'os pagarão os mercadores?

1.º POPULAR.—Que não. Nem a Vasco Martins, nem a ella.

MESTRE LOPO.—O alvará manda pagar.

ESCUDEIRO.—Um alvará rasga-se!

MESTRE LOPO.—E as justiças da Rainha?

1.º POPULAR.—Deixai lá que ainda ha outra maior.

MESTRE LOPO.—Maior?

1.º POPULAR.—A justiça de Deus que, ás vezes, anda na terra!

VOZES.—Olhai, olhai!

(*Um troço de populares entra, ruidosamente*).

3.º POPULAR.—Que recebam os varejos.

4.º POPULAR.—Raça de Judas! Pagaram-n'ó. A aragoneza e o aio que venham pelas contas.

3.^o POPULAR.—É preciso desenganal-a de uma vez. Levou-nos a Tanger onde aquelle pobre infante morre martyr como um santo e quer levar-nos á miseria.

VOZES.—Que houve? Que houve?

3.^o POPULAR.—É que o escrivão das sizas, Alvaro Affonso e Bartholomeu Gômes, contador, abriram meza na casa da camara para receber os varejos. Antes puzeram-se a ler o alvará... mas não acabaram.

BRITES.—Porque?

3.^o POPULAR.—Porque os atirámos pelas janellas fóra.

(*Gargalhadas*).

1.^o POPULAR.—(*Saindo da egreja*). Pois é fazer o mesmo ao frade sandeu que está a insultar-nos do pulpito com os homens d'armas da rainha, a notar-nos de revoltosos e insolentes, merecedores de castigos como os dados em Bruges aos da nossa igualha.

2.^o POPULAR.—Enforcar-nos? Quem é o saudeu?

1.^o POPULAR.—Fr. Vasco da Alagôa.

2.^o POPULAR.—Façamol-o calar.

BRITES.—Arranca-se-lhe a lingua.

VOZES.—Morra o padre! morra! (*Correndo para a egreja*).

BRITES.—Vamos lá dentro.

(*O frade apparece empurrado pelo povo*).

MESTRE LOPO.—(*a Diogo*) A maré sobe de mais. Começa a matar. Quereis vêr se é vindo o infante? (*sahem*).

1.º POPULAR.—Accusais-nos de traidores, vamos, dizei a quem? Somos por D. Pedro nosso defensor, pelos filhos de D. João I, pelos irmãos de D. Duarte o nosso bom rei. Vós por quem sois dom goliardo?

BRITES.—Fallai, dizei, ou vos enforcamos no cordão do habito!

FR. VASCO.—Sêde prudentes.

2.º POPULAR.—Sêde-o vós primeiro e não venhais vomitar sandices na egreja de Deus.

3.º POPULAR.—Que tal o burlão? Fazeis da egreja tavolagem?!

BRITES.—Olhae que imitaes a Judas se jogaes a nossa terra.

FR. VASCO.—Homens de ruim condição e fraca ideia. Que sabeis vós de coisas do governo para vos metterdes onde não sois chamados? Ide para vossas cazas, a vossos misteres e deixai o reino e o seu governo a quem competir.

ESCUDEIRO.—A vós e a outros como vós que cantaes de papo enquanto combatemos á lançada?

1.º POPULAR.—Quantos centos de lanças quebrastes em Aljubarrôta?

2.º POPULAR.—O estafermo andou talvez na tomada de Ceuta?

BRITES.—Andou, ao pé das cubas do vinhó.

ESCUDEIRO.—Deixai-me vêr as cicatrizes dos alfanges, que vos dão direito a despegar assim a lingua contra nós, homens d'esta leal cidade de Lisboa, que defendemos os nossos fóros, porque os conquistámos na guerra e os não entregamos aos fidalgos traidores nem ás manhas de uma rainha vendida.

FR. VASCO.—Calai-vos, senhor escudeiro, não encontreis a forza depois do vosso arrazoado! A Rainha, nossa senhora,

é uma honrada dama que não póde andar descomposta em arraiaes de villanagem. Quanto ao vosso infante é, como vós, um rebelde...

ESCUDEIRO.—(*Interrompe*) Eh! Eh! ides mudar o latim, dom perro de pré-gador, ou visitareis vosso amo, no inferno! (*Tira a espada*) Quem bole na virtude de sua mercê a Rainha? Honrada dona será, e él! Quanto ao infante, nosso senhôr, é o mais honrado principe de Portugal, o defensor do povo, vosso inimigo e de outros como vós.

BRITES.—Negai-o, se podeis.

VOZES.—Negai lá! Negai lá!

ESCUDEIRO. — Com mil lanças que o não fará, e em troca será dos nossos.

FR. VASCO.—Dos vossos?

ESCUDEIRO.—Dos vossos: pois ides levantar um viva ao D. Infante, com a mesma lingua com que o malsinastes.

FR. VASCO.—Por Deus que não. Essa é a voz dos traidores: lançai-a, vós.

BRITES.—Uma corda.

ESCUDEIRO.—Eh! galeote, tu que sa-

bes os nós da fôrça, lança-lh'a á gorga.

FRADE. — Deixai-me, cobardes. Eh! d'El-Rei! Eh! d'El-Rei!

ESCUDEIRO. — Vai gritar para o inferna. Tem-n'ô, galeote.

GALEOTE. — Nem Belzebuth o livra. (*O padre apparece amarrado.*)

ESCUDEIRO. — Vamos, vá: Viva o Infante!

(*Um murmurio de povo que chega, engrossa rapido, dando vivas ao Infante.*)

1.º POPULAR. — O Infante D. Pedro e D. Alvaro o Capitão mór do mar.

VOZES. — O infante, o infante!

ESCUDEIRO. — Não o larguem. Sua senhoria vai vêr como são tratados os cães que lhe mordem.

(*O Infante seguido de D. Alvaro Vaz d'Almada apparece no meio do povo, que o acclama, armado á ligeira.*)

D. PEDRO. — Assocegai, amigos. Que arruidos perturbam a paz da cidade? Porque tantos motins e rixas? Estou no meio de vós prompto, como meu pai, para attender as vossas reclamações e

pedidos se n'elles houver justiça. Que quereis?

MESTRE LOPO.—Senhôr, que nos despachem nossos negocios atrazados.

MESTRE DIOGO.—Que se não paguem os varejos.

BRITES.—Que nos governem homens...

1.º POPULAR.—Que é cobardia do povo e vergonha de gentes sermos governados por saias de mulher.

MESTRE LOPO.—Queremos que quem nos governe, nos defenda contra os fidalgos e contra a vara dos seus meirinhos, que são como lobos sobre o pouco que havemos.

VOZES.—Isso é. isso é.

ALMADA.—Quereis D. Pedro regente? Não é assim, leal povo da cidade?

D. PEDRO.—D. Alvaro! (*Ao povo*). Deixai os meus negocios e tractai antes dos vossos.

MESTRE DIOGO.—Os vossos, nossos são, meu senhôr.

D. PEDRO.—Assim será; mas fazei-o então, não em desordem, em motins nas

ruas e nas praças, mas placidamente, como convem ao socego do reino e do vosso bem-estar. Não pede justiça entre tumultos e commettendo mortes quem tem um defensor que olhe por sua razão e direito. Deliberai, antes, serenamente, em conselho, o que vos é mister e esperai as côrtes. Exponde pelos vossos juizes as vossas queixas e requerimentos. Alli, contaí comigo, com a minha voz: cá fóra, contaí com a minha espada!

VOZES.—Viva o Infante! Viva!

D. PEDRO.—(*Indicando.*) Quem prendeu e o que fez este homem?

1.º POPULAR.—Senhôr, alcunhava-nos de traidôres e ameaçava-nos do pulpito abaixo, com a fôrça.

2.º POPULAR.—Insultava-vos de desleal e ambicioso!

D. PEDRO.—Pois perdoai-lhe, vós, como eu lhe perdôo. Soltai-o. (*Ao padre.*) Ide-vos em paz, e lembrai-vos que deveis ser a lingua do perdão, e jámais a semente da guerra. Deus, só, vê dentro de nós e conhece a lealdade do nosso co-

ração e a honradez da nossas intenções. Sêde prudente em vossas falas. Ide. *(Desamarram e largam o padre.)*

ALMADA.—Como vos chamais?

FRADE.—Fr. Vasco da Alagôa.

ALMADA. — Se sois da alagôa, amigo, para a outra vez coaxai mais devagar! *(Gargalhadas. O frade sae apupado.)*

D. PEDRO. — Ide aos vossos misteres. Deixai por ora as armas. Fazei vosso conselho ámanhã em S. Domingos: deliberai e assentai no que fôr de justiça. Ide dizer que sou comvosco na cidade, e que me aprazera vêl-a socegada. As côrtes vão abrir; apercebei-vos para lutar como vos pedi. Ide. *(O povo dispersa, dando vivas.)*

ALMADA.—Fazeis de bom pastor.

D. PEDRO. — Essa deve ser sempre a função dos príncipes. O povo é uma creança. É preciso ameigal-o muito e castigal-o pouco. *(Sahem.)*

(Anoitece: populares leem a carta com lanternas.)

1.º POPULAR. — Ouvistes as suas nobres palavras?

1.º ESCUDEIRO. — É um verdadeiro príncipe: valente, bom e leal! Graças a Deus que o temos por nós.

POPULAR. — Como á melhor espada do reino, o nosso capitão mór do mar, D. Alvaro Vaz d'Almada.

ESCUDEIRO. — Oh! esse é o maior cavalleiro de Portugal. Taes coisas fez na França e Inglaterra, que El Rei Henrique o fez da ordem da Jarreteira; entendeis? que só se dá a reis e a príncipes de sangue real!

1.º POPULAR. — E amigos...?

1.º ESCUDEIRO. — Como se foram gemeos se amam. Juntos os vi pelejar em Ceuta e Tanger e juntos correram as sete partidas do mundo.

1.º POPULAR. — Foi D. Pedro que armou D. Alvaro cavalleiro?

1.º ESCUDEIRO. — Em Ceuta! Nunca vereis nada igual. Depois do combate, a mesquita encheu-se de cavalleiros para a acção de graças pela victoria e para encommendar os mortos! O rei, o mestre d'Aviz, que grande rei aquelle!... as lagrimas corriam-lhe as barbas brancas,

ao armar cavalleiros os filhos! Por sua vez D. Pedro armou D. Alvaro e outros fidalgos e era de vêr os abraços e lagrimas de alegria que todos se davam, cavalleiros e peões, como todos filhos d'esta nobre terra de Portugal. Que raça de valentes! e que orgulho o tel-os por senhores! Hoje, governa-nos uma mulher, os fidalgos enchem-se e opprimem-nos. Deixai, deixai...

1.º POPULAR.—Sabeis que se está fortificando, em casa o arcebispo?

1.º ESCUDEIRO.—Como assim?

1.º POPULAR.—O palacio pega com a muralha do castello...

1.º ESCUDEIRO.—Sei.

1.º POPULAR.—Pois abriu serventia interior para uns cubellos, de que se apossou, juntos á porta de Martim Moniz, armou os creados e poz roldas.

1.º ESCUDEIRO. — O arcebispo joga a vida se o povo o sabe. Não se lembrará do que aconteceu ao antecessôr, no tempo de El-Rei D. Fernando? (*Aponta uma torre da Sé*).

1.º POPULAR.—Que veio d'ali abaix

Esta peça foi representada, pela primeira vez, no Theatro de D. Maria II, no 1.º de Maio de 1897. Foram seus interpretes :

- Brazão* (D. PEDRO, o Regente.)
Augusto Rosa (CONDE D'AVRANCHES.)
João Rosa (CONDE DE BARCELLOS,
depois Duque de
Bragança.)
Alves (D. AFFONSO V.)
Ferreira da Silva (VASCO BERREDO.)
A. Antunes (ARCEBISPO DE LISBOA.)
A. Santos (CONDE DE OUREM.)
Oliveira (VASCO MARTINS DA SIL-
VEIRA.)
Pinto (ALVARO DE CASTRO.)
Bayard (BISPO DE EVORA.)
Chaby (FR. VASCO DA ALAGÔA.)
Lopes (LUIZ GOMES DA GRAN.)
Oliveira (MESTRE LOPO.)
Pinto (MESTRE DIOGO.)
Cabral (LUIZ D'AZEVEDO.)
Bayard (JOÃO VOGADO.)
Silva (O ALCAIDE DE LISBOA.)
Lucas (ALVARO AFFONSO.)
A Rainha D. Leonor d'Aragão. (C. FALCO.)
D. Izabel, mulher d'Affonso V (LAURA.)
Tia Brites (O'SULLIVAND.)

